

AUTODESASSÉDIO DOCENTE

Teacher's Deintrusion

Eliane Bianchi Wojslaw

RESUMO. Há momentos na trajetória existencial em que a consciência faz a opção pelo autodesassédio e investe esforços pessoais para atingir esta condição. Este artigo apresenta proposta de reciclagem na docência conscienciológica realizada a partir do estudo e aplicação das etapas do *Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica*. Os dados do estudo foram obtidos através da metodologia qualitativa, a coleta de dados foi feita com base na pesquisa bibliográfica, observação participante em todas as etapas docentes e registro das vivências em caderno de campo. Os resultados da pesquisa apontam que as duas etapas iniciais – Conteúdos e Transposição Didática – se bem compreendidas e trabalhadas irão auxiliar na promoção do autodesassédio docente e facilitar a conclusão das próximas etapas do Ciclo, inclusive o *rapport* com a equipe extrafísica de amparadores de função e qualificar a docência conscienciológica de modo crescente.

Palavras chaves: autodesassédio; práxis parapedagógica; docência conscienciológica.

ABSTRACT. There are moments in the existential trajectory in which the consciousness makes an option for the self-deintrusion and invests her personal efforts to reach this condition. This paper presents a proposal for recycling the conscienciological teaching, and it was carried out from the study and application of the Cycle of Qualification of the Parapedagogical Praxis. The study was made through the qualitative methodology, the data collection was based on bibliographic research, participant observation at all stages and from the experiences registered in a diary. The survey results indicate that the two initial stages – Contents and Didactic Transposition – if well understood and worked properly by the teacher will assist in promoting the teacher's deintrusion and facilitate the completion of the next stages of the Cycle, including the *rapport* with the extraphysical team function helpers and thus, it will qualify the conscienciological teaching increasingly.

Key words: self-deintrusion; parapedagogical praxis; conscienciological teaching.

1. INTRODUÇÃO

Definição. O *autodesassédio* docente é ação de pensenização positiva da consciência em relação a si mesma, de modo a viabilizar o enfrentamento técnico, sistemático e teático de todas as etapas, desafios e contrafluxos da docência conscienciológica e catalisar e sustentar a tares interassistencial.

Desafio. A atividade docente em geral, em especial a docência conscienciológica, requer contínuos desafios ao professor, pois demanda o teste simultâneo várias habilidades intraconscien-ciais, a exemplo da vontade, persistência, auto-organização, intelectualidade, comunicabilidade e do parapsiquismo cosmoético.

Epicentrismo. O ideal é o professor, epicentro da aula, preparar-se com técnica e foco interassistencial desde a pré-aula. Contudo, mesmo com dedicação, é comum vê-lo relatar sen-

sações de pressões e nervosismo, dificuldades para se organizar para o estudo e sensação de não ter assistido os alunos suficientemente durante a aula.

Dificuldade. Por estes motivos, algumas vezes, o docente acaba desistindo de fazer a tarefa ou optando por outra atividade de voluntariado que seja mais fácil, com menos pressão e auto-exposição.

Problema. Esta vivência problemática, se experimentada pelo professor, pode gerar resistências e pensões antagônicas ao trabalho pedagógico que está por ser feito. Este mecanismo é um tipo de autoassédio docente e pode ocorrer com professores iniciantes ou experientes, sendo indício que necessitam qualificar-se para tornarem-se mais competentes energeticamente e teaticamente como professores de Conscienciologia.

Autopesquisa. O professor crítico e questionador atua de forma persistente para promover o autodesassédio a partir do paradigma consciencial, tornando-se lúcido quanto à multidimensionalidade e às interações energéticas e busca superar as dificuldades e utilizar os contrafluxos e contrapensões como fonte de autoconhecimento.

Objetivo. Este artigo objetiva analisar como o professor de Conscienciologia pode promover o autodesassédio docente, minimizando as pressões e sensações de mal-estar, buscando desenvolver mais estofo mentalsomático, energético e interassistencial para dar manutenção à tarefa.

Experiência. Esta pesquisa é baseada na vivência e autossuperação das dificuldades docentes da autora ocorridas a partir da realização do Curso de Formação de Professores de Conscienciologia - CFPC, da Reaprendentia, em 2013.

Objetivos específicos. Almeja-se ainda com este artigo apresentar o conceito do Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica e suas etapas; refletir sobre estas etapas, em especial as fases *Conteúdos* e *Transposição Didática*, como as mais relevantes para a promoção do autodesassédio e sugerir formas de ministrar aulas com mais tranquilidade, leveza e alegria.

Metodologia. A metodologia é de cunho qualitativo pois o estudo partiu da experiência pessoal da autora na busca de melhoria das habilidades docentes. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram a pesquisa bibliográfica de artigos, livros e materiais didáticos da área de Pedagogia e Parapedagogia, a observação participante ocorrida durante 10 meses de duração do CFPC e consulta de anotações em caderno de campo.

Organização. Além desta introdução, o artigo está dividido nas seguintes partes: Percepção da própria práxis parapedagógica; o Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica; Autodesassédio e novas perspectivas docentes e Conclusões.

Resultados. Os resultados deste estudo corroboram a hipótese de que a compreensão e vivência das etapas 1 e 2 do *Ciclo* – respectivamente *Conteúdos/Reflexão* e *Transposição didática* - auxiliaram sobremaneira na promoção do autodesassédio no processo docente.

2. PERCEPÇÃO DA PRÓPRIA PRÁXIS PARAPEDAGÓGICA

Definição. A *práxis parapedagógica* é a vivência, a atividade, o exercício, o ato lúcido, autoconsciente, contínuo, intencional, teático, autoexemplarista e crítico reflexivo realizado pelo professor de Conscienciologia na atividade docente objetivando promover o esclarecimento, a reeducação e a autonomia de todas as consciências envolvidas no processo de ensino-aprendizagem-recuperação de cons, além de qualificar a própria atividade em si. (ALVES, 2012)

Recins. Em março de 2013, mesmo já sendo professora de Conscienciologia, tendo ministrado diversos cursos, esta autora iniciou o CFPC na Reaprendentia em Foz do Iguaçu visando reciclagens docente e intraconsciencial.

Intenção. A decisão surgiu a partir da percepção de haver atributos docentes a serem melhorados e insatisfações com a própria forma de ensinar que era sentida como um autoassédio docente. Fazia-se importante repensar a metodologia e forma como se ensinava e promover o autodesassédio.

Heterocríticas. Observou-se também ser necessário um olhar externo, de outro professor experiente para obtenção de *feedbacks* sobre os pontos positivos e os pontos da própria práxis parapedagógica a serem melhor trabalhados.

Relato. As devolutivas e comentários sobre a prática docente do professorando eram passadas pelos parapedagogos após cada uma das 8 aulas de estágio docente. Havia também as provas de conteúdos docentes e entrevistas meta-reflexivas que permitiram a autopercepção dos pontos positivos e os pontos a serem melhorados.

Melhorias. Neste sentido, registrou-se no caderno de campo as seguintes sugestões e orientações dos parapedagogos:

1. **Pré-aula.** É quando a aula se inicia de fato. O professor se organiza, reflete sobre os tópicos e começa o autodesassédio em relação a tema. Podem ocorrer pressões, contrafluxos e até vontade de desistir. A ortopensenidade, o preparo da aula e atenção às sincronidades ajudam a dar sustentabilidade ao docente. Portanto, a professoranda aprendeu a dar especial atenção a este momento.

2. **Linearidade de raciocínio.** Foi observado que a forma da autora (então professoranda) apresentar os conteúdos era em estilo raciocínio poliédrico, com associações de ideias amplas e interdisciplinares. Contudo, nem todos os alunos conseguiam compreender os fatos e variáveis apresentados e isto dificultava o entendimento, principalmente dos iniciantes. A sugestão foi priorizar a linearidade de raciocínio, por exemplo, se o tema é *paradigma consciencial*, focar em explicar este sistema de referências ao invés de incluir outras explicações paralelas no contexto deste tema.

3. **Reflexão.** O ato de pensar, repensar e estudar sobre um assunto e olhá-lo sobre diferentes prismas, questionando-o, é o que se chama de reflexão e promove o autodesassédio do tema. Para isto ocorrer, é imprescindível o professorando estudar e escolher os exemplos, questões e analogias que trará para a sala.

4. **Desrepressão.** A aula de Conscienciologia requer liberdade de pensamento para o docente elaborar as suas associações de ideias e ganchos didáticos, pensar sobre o tema e sua teática e autoexemplarismo. Para isto ocorrer é necessário o professor desreprimir-se, valorizar o seu conhecimento e as suas experiências de vida.

3. O CICLO DE QUALIFICAÇÃO PARAPEDAGÓGICA.

Conceito. Durante o CFPC foi possível conhecer um esquema síntese do processo de ensino-aprendizagem dentro do paradigma consciencial, denominado Ciclo de Qualificação Parapedagógica, ou simplesmente *Ciclo*, definido como:

(...) a anatomização, o estudo e a compreensão das diferentes partes ou etapas que compõem a práxis parapedagógica de um professor com bom conhecimento do corpus da Conscienciologia, polímata, parapsíquico, veterano e experiente no trato com conscins e consciexes em sala de aula (condição ideal). (ALVES, 2012)

Etapas. De acordo com Alves (*op.cit.*), o *Ciclo* é composto pelas seguintes partes: 1. Conteúdos/reflexão, 2. Transposição didática; 3. Interação com o campo energético; 4. Fazer parapedagógico e 5. Interassistência. A seguir são apresentadas algumas características destas partes.

Fase 1: Conteúdos.

Seleção. Normalmente, esta etapa ocorre durante a *pré-aula*, é a fase de preparo da aula na qual o professor seleciona os materiais para ler e estudar e reflete simultaneamente sobre o que vai trabalhar dentro do tema da aula.

Reflexão. É quando se inicia o processo de leitura-estudo-reflexão sobre os conteúdos e o professor semperaprendente revê o que já sabe e acrescenta novas informações ao seu conhecimento, se atualiza, busca exemplos, estudos de caso, cosmogramas sobre a temática e decide sobre o que vai priorizar debater em sala de aula.

Polimatia. A polimatia destaca-se na fase dos *Conteúdos* e está intrinsecamente conectada à aquisição de conhecimento, erudição, estudo, experiências, polimatia e elaboração de reflexões (ALVES, 2012). Nesta fase o docente deve considerar a pesquisa de:

- a. **Bibliografias.** Fazer a seleção das fontes de pesquisa e leitura de livros, artigos, estudos, documentos, dissertações, teses, anotações de aulas, entrevistas, filmes entre outros.
- b. **Materiais coadjuvantes.** Separar outros materiais úteis: apresentações didáticas, resumos, estudos de caso, cosmogramas, figuras inspiradoras, charges, exemplos, entre outros.
- c. **Extras.** Reservar sempre assuntos correlacionados ao tema que podem ser utilizados caso sobre tempo ou sejam trazidos no campo parapedagógico.

Níveis de leitura. O ato de ler e estudar e refletir sobre os conteúdos é imprescindível, para isto, segundo Gil (1996), pode-se dividir a leitura em 4 níveis:

- a. **Leitura exploratória.** Leitura rápida com o objetivo de verificar em que medida a obra interessa à pesquisa. Inclui exame da folha de rosto, orelha, índices, introdução e contracapa do livro.
- b. **Leitura seletiva.** Refere-se à seleção do material que de fato interessa à pesquisa (livros ou capítulos). É necessário sempre ter em mente o tema e objetivos da pesquisa. A leitura seletiva é mais profunda, no entanto, ainda não é definitiva.
- c. **Leitura analítica.** Possui a finalidade de ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que abordem e expliquem o conteúdo e possibilitem respostas ao problema. É uma leitura de natureza crítica, importando ao pesquisador compreender as ideias antes de criticá-las.
- d. **Leitura interpretativa.** Permite a ligação da teoria com a prática, é uma releitura e interpretação do que foi lido visando resolver as questões ou problemas.

Reflexão. Após, o docente organizar os elementos que compõem os Conteúdos da aula, conforme os itens acima, ele se dedica à leitura das bibliografias e passa ao processo de estudo e reflexão em si, inclusive as estratégias de apresentação destes pontos selecionados.

Fase 2. Transposição Didática.

Ensino. É a segunda fase do *Ciclo* na qual o professor vai analisar e aplicar a melhor estratégia para transmitir, ou transpor, os conteúdos aos alunos.

Tecido. Nesta etapa é quando se compõe a aula, são escolhidos os tópicos, os argumentos e os ganchos didáticos de acordo com o perfil do alunado. Estes últimos são de extrema importância por serem pontos de coesão que garantem a linearidade didática da aula e facilitam a compreensão do tema.

Terminologia. O termo *transposição didática* foi proposto em 1975 pelo sociólogo Michel Verret e rediscutido pelo matemático francês Yves Chevallard em 1985 em sua obra *La Transposition Didactique* (traduzida para o espanhol), o qual analisa o processo de transformação do saber científico para o saber ensinável. Chevallard define este termo como:

Um conteúdo de saber que tenha sido definido como saber a ensinar, sofre, a partir de então, um conjunto de transformações adaptativas que irão torná-lo apto a ocupar um lugar entre os objetos de ensino. O ‘trabalho’ que faz de um objeto de saber a ensinar, um objeto de ensino, é chamado de transposição didática. (CHEVALLARD, 1991, p.39)

Repensar. Chevallard (1991) destacava que a necessidade de se ensinar o conhecimento leva à necessidade de modificá-lo, e essa modificação é chamada de transposição didática. No contexto de ensino-aprendizagem o aluno “recebe” os conteúdos previamente preparados pelo professor, é convidado a refletir e questionar.

Avaliação. Conforme o autor (op. cit.), neste processo é possível avaliar se o professor é didático, linear, claro, objetivo, criativo ou não. Cabe ao professor desenvolver certas habilidades e competências, a exemplo destas:

1. **Recorte.** É bom ter visão de conjunto para saber o que recortar e delimitar o tema, o que destacar e enfatizar para o aluno.

2. **Compartmentalização.** Recomenda-se dividir o conteúdo a ser ensinado em partes que possam ser explicadas primeiro separadamente; depois faz-se a correlação entre as partes. Uma forma de fazer isto é selecionar os objetivos de ensino e apresentá-los a sala desde o início da aula.

3. **Cronêmica.** O professor há de ser eficiente em dividir o tempo para cada momento da aula, de modo a poder finalizar tópicos e concluir os objetivos propostos.

4. **Interdisciplinaridade.** Importantíssimo saber correlacionar o tema com outras áreas do saber, outras disciplinas.

5. **Contextualização.** Deve-se refletir a que contexto que a aula se insere: *Que tipo de curso é? Quem são os aprendizes? É aula introdutória? Ou de aprofundamento? Quanto tempo se tem para cada tópico?* Enfim, todas as informações sobre o contexto enunciativo da aula devem ser consideradas.

É importante considerar também nesta etapa:

Plano de aula. Fazer o planejamento na *pré-aula*, definindo objetivos, tópicos, o tempo para cada item abordado, fechamento, conclusão e referências bibliográficas.

Estilo. A forma com que o docente transforma o saber científico em saber a ser ensinado facilita enormemente a compreensão dos neoconceitos ou - se mal aplicada - a dificulta.

Objetivos. A reflexão virá do ato de estudar, pensar e repensar a respeito do tema e elaborar associações de ideias a partir dos objetivos propostos, pois deve-se caminhar em direção destes objetivos de ensino apresentados aos alunos desde o início da aula.

Técnicas. Há várias técnicas didáticas que auxiliam o professor nesta fase da transposição didática dos conteúdos, entre as quais destacam-se aqui as *técnicas da reflexão dialética e técnicas de oratória*:

1. **Dialética.** No processo dialético, o docente elabora questões a serem apresentadas aos alunos visando tornar o aprendizado verdadeiramente reflexivo, permitindo aos participantes construir seu aprendizado de forma crítica e lúcida (BARROS, 2006). Por exemplo, após conceituar *proéxis*, o professor apresenta questionamentos: *you considera que tem uma missão de vida?; há algo nesta existência que te motiva e que você tem a sensação que deve fazer?*

2. **Oratória.** Pode-se também utilizar *técnicas de oratória* (LUZARDO, 2012) para tornar a aula interessante ao ouvinte, sempre adequando o conteúdo ao público receptor, por exemplo:

- a. Introduzir o tema com a narrativa de uma casuística ilustrativa do que se deseja apresentar, uma pequena história ou fábula.
- b. Utilizar-se de citações de pensadores célebres e pesquisadores de referência que estudaram o tema.
- c. Mudar a entonação da voz durante as explicações, enfatizando pontos-chaves da aula como se a voz fosse um grifo-sonoro do que se deseja valorizar;
- d. Movimentar-se com parcimônia em sala, evitando ficar muito tempo parado;
- e. Finalizar o tema com uma pensata ilustrativa que leve o aluno a ficar ainda após a aula, motivado com as reflexões que teve.

Fase 3: Interação com o Campo Energético Parapedagógico

Interação. A terceira etapa do *Ciclo* é definida como aquela em que o docente percebe e interage lucidamente com o campo energético instalado em sala de aula, vinculados às consciências e consciências relacionadas à aula.

Multidimensionalidade. Esta interação pode ocorrer também em qualquer etapa do ciclo, mas didaticamente, optou-se por colocá-lo na terceira etapa pois é o quando o professor está mais aberto a esta interação, considerando que já domina os conteúdos e já decidiu as estratégias didáticas de transmiti-los.

Domínio. Nesta fase é importante que o professor tenha bom domínio e percepção das energias do campo interassistencial de sala visando sustentar a efetivação da práxis parapedagógica e a assistência.

Manobras. Destacam-se aqui alguns exemplos de interações energéticas necessárias aos docentes: exteriorização de energias, acoplamentos energéticos, as assimilações de energias (*assins*) e as desassimilações (*desassins*), o desenvolvimento da sinalética energética pessoal – podendo esta ser anímica, parapsíquica ou anímico-parapsíquica, mobilização básica de energias, instalação do estado vibracional, realização de outras manobras energéticas, entre outros. (REAPRENDENTIA, 2013)

EV. As interações energéticas são inevitáveis em todas as etapas que se apresentam no Ciclo, mas vale a dica ao docente que é sempre melhor ter lucidez e domínio das energias para evitar surpresas desagradáveis e defasagens energéticas.

Fase 4: O Fazer Parapedagógico.

Definição. O fazer parapedagógico é a fase, momento ou etapa caracterizada pela intervenção da equipex, seja através do professor, seja diretamente com os alunos.

Diferencial. É nesta a etapa do Ciclo quando ficam mais notórios os diferenciais da docência convencional: *o campo energético parapedagógico*, que é intensificado nesta fase. Pode-se perceber também expansão de ideias, compreensão de temas avançados (*neoverpons*). Com estas condições otimizadas há maior possibilidade de acontecer a tarefa multidimensional.

Insights. Este processo de reeducação mais profundo docente torna-se um facilitador da interação com a equipe pois possibilita que amparadores extrafísicos e consciexes presentes interajam com a aula e da mesma forma aprendam, reflitam e cheguem às suas conclusões.

Paradidaticologia. As técnicas intrafísicas de ensino são otimizadas com paratécnicas didáticas, parametodologias são colocadas em prática, e a transposição torna-se paradidática.

Expansão. O foco aqui vai além do conteúdo, torna-se reeducação avançada as recins, recéxis, em nível paracerebral e parassináptico.

Hipótese. As neossinapses podem ocorrer em qualquer momento do Ciclo, desde os estudos na pré-aula, mas devido às características específicas de interação com o campo energético parapedagógico intensificado lança-se a seguinte hipótese: seria no *fazer parapedagógico* otimizada a formação de neossinapses?

Disponibilidade. De acordo com Alves (2012) o fazer parapedagógico está relacionado com a predisposição, atitude e quietude conscienciais. É preciso que o professor esteja disponível aos amparadores, estar tranquilo quanto ao conteúdo, à didática e à interação com o campo para se disponibilizar para a interação com a equipe extrafísica.

Extrapolacionismo. Muitas vezes o docente tem dificuldades de perceber esta etapa pois é a que requer maior domínio das energias e desenvolvimento parapsíquico, porém é quando o professor pode ir além do convencional e extrapolar a assistência, catalisando a reeducação nas conscins e consciexes presentes na aula.

Abertismo. Esta fase só é possível com investimentos teáticos contínuos do docente, exemplarismo pessoal e cosmoética.

Fase 5: Interassistencialidade.

Recins. Esta etapa, didaticamente colocada como a última fase do Ciclo, refere-se ao resultado que se espera das atividades docentes em geral: apreender novos conhecimentos, reaprender, reciclar, enfim, a assistencialidade mútua entre professores e alunos.

Esclarecimento. Nesta etapa do Ciclo se percebe a tares (tarefa do esclarecimento), as reciclagens intraconscienciais, as neossinapses, a impactoterapia, a autopesquisa, o estabelecimento de estratégias evolutivas e proexológicas, os desassédios de variadas naturezas (psicossomáticos, energéticos e mentaissomáticos), a percepção da amparabilidade e megafraternidade, a cosmovisão, entre outras ocorrências observadas na prática docente.

Atributos. Alves (2012) defende que a docência conscienciológica favorece, tanto para professores quanto para alunos, o desenvolvimento de habilidades intelectuais (desenvolvimento da cognição), habilidades sociais (interação), o abertismo consciencial, as reciclagens intraconscienciais, as habilidades didáticas para a exposição do conteúdo, o parapsiquismo para interação com o campo parapedagógico e principalmente a capacidade de autodesassédio.

Subjetividade. Destaca-se que estas percepções de autodesenvolvimento ocorrem de forma subjetiva e intraconsciencial mas refletem muitas vezes em mudanças e recins perceptíveis daquela conscin com postura semperaprendente, levando a concluir que a docência conscienciológica é uma estratégia evolutiva devido à interassistência que permite.

Desrepressão. A docência ajuda inclusive na *desrepressão docente*, que pode ser definida como “o ato ou efeito de a conscin, homem ou mulher, na condição de professor ou professora de Conscienciologia, eliminar medos, inseguranças, melindres ou autocensuras, em sala de aula

ou nos contextos interassistenciais, visando qualificar a tares”. (LARA; ENCICLOPÉDIA DA CONSCIENCILOGIA; Verbete: Desrepressão Docente, 2016)

Descrenciologia. É também quando se convida o aluno a colocar em prática o princípio da descrença, norteador da Ciência Conscienciologia “*não acredite em nada, nem mesmo o que ouvir aqui nesta aula. Experimente, reflita, questione. Tenha suas próprias experiências.*”

4. AUTODESASSÉDIO E NOVAS PERSPECTIVAS DOCENTES

Técnicas. Para auxiliar na promoção do autodesassédio docente, além do estudo, reflexão e aplicação das etapas do Ciclo, buscou-se estudar e adotar algumas técnicas otimizadoras desta condição. Selecionou-se duas em especial: a *Técnica da agenda autodesassediadora* (ARAKAKI, 2016) e *Técnica da ação pelas pequenas coisas* (MACHADO, 2016).

Definição 1. A *agenda autodesassediadora* é a organização dos horários e dos compromissos pessoais, familiares, profissionais, sociais e comunitários, dentro de rotina profilática da conscin disciplinada, homem ou mulher, de modo a promover e a manter o autodesassédio emocional contínuo crescente necessário aos trabalhos interassistenciais (ARAKAKI, 2016).

Ação. Neste sentido, a professora buscou otimizar a organização da agenda pessoal, eliminando compromissos menos relevantes e ajustando as rotinas pessoais e profissionais. Assim, sobrou mais espaço mental para o estudo das temáticas das aulas e preparo do plano de aula e materiais coadjuvantes.

Definição 2. A *técnica da ação pelas pequenas coisas* é o método através do qual a consciência escolhe um traço pessoal patológico autodiagnosticado e enfrenta-o a partir de pequenas ações cotidianas, interrompendo o processo de procrastinação ou fuga de si mesmo, mantendo um fluxo de autoconfrontações menores e mais simples que possibilitarão a criação de neossinapses para autoenfrentamentos maiores e mais complexos (TAKIMOTO, 2006, p. 11-28 citado por MACHADO, 2008).

Vontade. Por meio da vontade e aplicação desta técnica foi possível reconhecer que importante é ter um foco e dar “*um passo atrás do outro*” visando promover o autoenfrentamento das inseguranças docentes. Completou-se então o CFPC com vistas a obtenção de autoconfiança necessária para atingir desafios maiores, por exemplo, a docência internacional.

Neopenses. A partir dos estágios docentes e *feedbacks* recebidos foi possível uma re-perspectivação da própria docência conscienciológica, com mais subsídios técnicos e vivenciais para a tares.

Evitações. Visando dar manutenção e contínuismo docente, observou-se ser necessário, no caso desta autora, cautela quanto aos aspectos listados a seguir:

1. **Raciocínio complexo.** Evitar associações de ideias muito complexas, multifacetadas e poliédricas quando se apresenta conceitos novos. É melhor ser linear, ir do conceito e definição ao exemplo prático, discutindo-se a sua aplicabilidade.

2. **Clareza.** É preciso encontrar um meio termo entre uma explicação objetiva e uma explicação detalhada, completa, buscando clareza sem empobrecer a ideia. Por exemplo: ao se explicar o conceito de *escala evolutiva das consciências* é necessário apresentar cada nível evolutivo que a compõe, de forma resumida, para o discente ter uma visão ampla do tema. O poder de síntese é um grande aliado didático do professor.

3. **Interesse.** A aula tem que ter associações de ideias ricas e interessantes e ser motivadora. Para isto, professor deve dedicar-se a ampliar as suas próprias perspectivas em relação ao tema, trazendo analogias para ilustrar o assunto de forma didática.

4. **Preconceito.** É importante o professor de Conscienciologia buscar identificar e eliminar seus pré-conceitos em relação ao tema, treinar a flexibilidade mental, o fraternismo e o universalismo. Por exemplo, como apresentar e debater temas polêmicos a exemplo de *aborto, religião, homossexualidade, dupla evolutiva, cosmoética e paradireito*? O professor tem que ter conhecimento conceitual e posicionamento pessoal sobre o tema para poder debatê-lo com os discentes.

Internacional. Dentre as novas perspectivas docentes, destacam-se a decisão de tornar-se parapedagoga visando dar aulas na área internacional da Reaprendentia e demais instituições conscienciocêntricas.

Escrita. Também ocorreu motivação para escrever artigos, livros e materiais didáticos que possam ajudar outros professores a terem continuidade na docência conscienciológica. Este artigo é fruto do processo de reciclagem.

Gescon. Também, durante o CFPC observou-se a necessidade de produzir um Glossário especializado da Parapedagogia devido à considerável extensão da terminologia, refletindo neologismos e verpones deste especialidade conscienciológica. Este trabalho já se encontra em andamento e pretende-se, em breve, publicá-lo em Português e Inglês.

CONCLUSÕES

A anatomização do processo docente em etapas didáticas como as descritas no *Ciclo* permite ao professor de Conscienciologia analisar melhor a sua prática (práxis parapedagógica) e verificar qual etapa deve investir esforços e melhorar.

Esta proposta do *Ciclo* facilita o entendimento das principais variáveis a serem gerenciadas no processo docente. Contudo, é um resumo didático, não fixo e nem fechado pois as etapas e suas características podem ser vivenciadas em diferente sequência.

A partir da vivência de 16 anos de docência Conscienciológica foi possível constatar que, no caso desta autora, as etapas mais relevantes para promover o autodesassédio, qualificar o ensino e manter o continuísmo tarístico, residem nas 2 primeiras etapas do *Ciclo*: **Conteúdos e Transposição didática.**

A etapa do Conteúdo, conforme abordada neste artigo, permite que o docente se organize cerebralmente (pois vai alimentar seu cérebro com conteúdos e ideias) para facilitar o trabalho docente e a interação com os amparadores e campo energético parapedagógico nas próximas etapas. Com o tempo e a experiência do professor, os conteúdos tornam-se mais consolidados e reestudá-los torna-se tarefa simples.

Na transposição didática é de extrema importância, pois pouco adianta o professor adquirir grande cabedal de conhecimentos se não consegue transmiti-lo aos alunos e efetivar o aprendizado e a interassistência.

Se estas duas etapas iniciais estiverem bem consolidadas, o professor obterá melhores resultados nas seguintes, pois os amparadores de função, agentes participantes do trabalho, precisam das sinapses cerebrais, da auto-organização e reflexão do professor sobre as verpones para atuarem em conjunto.

Portanto, a autora conclui que o autodesassédio docente e o ato de ministrar aulas com mais tranquilidade, leveza e alegria, consiste em compreender, em estudar e refletir sobre os conteúdos selecionados, modificando-os de forma a tornarem-se ensináveis e treinar, na pré-aula, a melhor forma e os recursos didáticos de expor estes tópicos aos discentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, Hegrison. **Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica**. Revista de Parapedagogia. Ano 2, n. 2. Foz do Iguaçu, PR. Reaprendentia, 2012.
2. ARAKAKI, Kátia; Enciclopédia da Conscienciologia; **Verbetes: Técnica da agenda autodesassediadora**. Disponível em: http://www.tertuliaconscienciologia.org/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2783&Itemid=3 Acesso em: 17/08/2016
3. BARROS, Alberto Ribeiro Gonçalves de. **Dialética e método em Pierre de La Ramée**. Artigo in Revista Integração. Abr/Mai/Jun, 2006, ano XII, n. 45, p. 187-192. Disponível em: ftp://ftp.usjt.br/pub/revint/187_45.pdf Acesso em 17.08.2016. Acesso em 12/08/2016.
4. CHEVALLARD, Ives. **La Transposición Didáctica: del saber sábio al saber enseñado**. Aique: Buenos Aires, 1991.
5. GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3 ed. São Paulo:Atlas, 1996.
6. KLEIN, William. **Aspectos da Pré-aula de Conscienciologia**; Conscientia; revista; trimestral; Vol. 14; N.4; Foz do Iguaçu, R, 2010; páginas 480 a 487.
7. LARA, Gabriel; ENCICLOPÉDIA DA CONSCIENCIOLOGIA; **Verbetes: Desrepressão docente**. Disponível em: http://www.tertuliaconscienciologia.org/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2271&Itemid=3. Acesso em: 17/08/2016.
8. LUZARDO, Silvio. **Mini-aula de oratória**: tipos de introdução. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5gpNo9lJXg>. Acesso em 12/03/2012.
9. MACHADO, Cesar. A importância do autoenfrentamento na Consciencioterapia. In Revista Conscientia. Vol.12(1), p. 7-17, jan./mar., 2008.
10. MELLO, Namó de. **Transposição didática, interdisciplinaridade e contextualização**. Disponível em: <http://www.namodemello.com.br/pdf/escritos/outros/contextinterdisc.pdf>. Acesso em 03/07/2016. Acesso em 10/08/2016.
11. NONATO, Alexandre; Enciclopédia da Conscienciologia; **Verbetes: Técnica do autodesassédio**. Disponível em: http://www.tertuliaconscienciologia.org/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=3330&Itemid=3. Acesso em: 17/08/2016
12. REAPRENDENTIA. **Disciplina 2 – Orientação da MBE em sala de aula**. Apostila do Curso de Formação de Professores de Conscienciologia – CFPC. Publicação interna. (2013)
13. REAPRENDENTIA. **Disciplina 4 – Ciclo de qualificação da práxis parapedagógica**. Apostila do Curso de Formação de Professores de Conscienciologia – CFPC. Publicação interna. (2013)